

**SOBRENATUREZA, *Água viva*:
O CONCEITO À LUZ DA FICÇÃO DE CLARICE
LISPECTOR**

**SUPERNATURE, *Água viva*:
THE CONCEPT UNDER THE LIGHT OF CLARICE
LISPECTOR'S FICTION**

Renata Sammer¹

Resumo: Este artigo examina pontualmente o tratamento que Lispector dedica ao “it”, pronome que, em *Água viva*, ela utiliza para paradoxalmente nomear o inominável. Este exame pontual da obra de contestada classificação de Lispector, aproxima o “it” do conceito de “sobrenatureza”, tal como contemporaneamente entendido, em particular pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e pelo filósofo Marco Antonio Valentim. Desse modo, vemos como a escrita de Lispector cultiva o inefável enquanto tal, investindo no “espaço-entre”, assim evitando cristalizar formas e linearizar as metamorfoses. Ao cultivar um outro espaço e um outro tempo, a autora inventa um espaço sobrenatural, que não pertence à natureza, nem à cultura – o “it”. Além de explorar o texto de Lispector, é propósito deste artigo iluminar o conceito de “sobrenatureza”, ressaltando suas contribuições para a superação da oposição natureza/cultura, que fundamenta o pensamento ocidental moderno.

Palavras-chave: sobrenatureza, Lispector, metamorfose.

Abstract: This essay examines the treatment that Lispector dedicates to “it”, a pronoun that in *Água viva* is paradoxically used to name the unnamed. This punctual examination of Lispector’s work of disputed classification brings the “it” closer to the concept of supernature, as contemporarily understood, in particular by anthropologist Eduardo Viveiros de Castro and philosopher Marco Antonio Valentim. Thus, we see how Lispector’s

¹ Pós-doutoranda junto ao Departamento de História da PUC-Rio, em Literatura Comparada, e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj): <renatasammer@me.com>.

writing cultivates the ineffable as such, investing in the space in between, thus avoiding crystallizing forms and linearizing metamorphoses. By cultivating another space and another time, the author invents a supernatural space, which does not belong to nature, nor to culture – the “it”. In addition to exploring Lispector’s text, this essay aims to illuminate the concept of supernatural by highlighting its contributions to overcoming the opposition nature/culture that underlies modern Western thought.

Keywords: Supernature, Lispector, metamorphosis.

“O movimento explica a forma!”

(Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*)

O “IT”, UMA SOBRENATUREZA

Notória pela recorrente evocação do “outro da linguagem” – o “it”, o “impessoal”, o “inominável”, o “indizível”, o “silêncio”, o “inexprimível”, o “impronunciável” –, a escrita de Clarice Lispector, como bem observou Alexandre Nodari (2018, p. 1) em um recente ensaio, não visa dizer o que não pode ser dito, mas cultivá-lo enquanto tal. Benedito Nunes identificou na escrita de Lispector o uso de uma “técnica de desgaste”, voltada à neutralização dos significados das palavras pela ênfase em sua concretude. Desse modo, Lispector não escreve, mas *desescreve*, assim “conseguindo um efeito mágico de refluxo da linguagem, que deixa à mostra o ‘aquilo’, o inexpressado” (NUNES, 1969, p. 138). Um “fracasso sublime”, na expressão de Plínio Prado (1989), “existencial”, acrescentaria Nunes (1969, p. 137), “correlato ao fracasso da linguagem”. Todavia, esse “fracasso” é sintoma de um sucesso. O que não pode ser dito mas fala é, pela (des)escrita clariciana, apreendido “através do que se diz” (PRADO, 1989, p. 26). A ênfase dedicada ao “it” ao longo de *Água viva*, esclarece o título provisório da obra: *Atrás do pensamento: monólogo com a vida*. Como o “it”, o que está atrás do pensamento permanece inefável, embora seja necessário empregar palavras para dizê-lo.

Logo ao início de *Água viva*, Lispector (1998a[1973], pp. 21-22) formula a conhecida metáfora da palavra como isca, que bem exemplifica a tarefa do livro:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com

alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.²

A palavra que incorpora a não palavra é, portanto, apenas um meio pelo qual Lispector explora a entrelinha – o informe, o indizível, o impessoal, ou, como coloca em sua ficção de contestada classificação, o “it”, palavra estrangeira a significar a não palavra. A narradora de *Água viva* explicita inúmeras vezes seu desejo pelo “plasma”: “quero me alimentar diretamente da placenta” (AV, p. 9). Desse modo, configura o domínio do informe, no qual são possíveis as metamorfoses. Para nomeá-lo, Lispector adota um pronome da língua inglesa, o “it” (utilizado sem aspas), ao redor do qual constrói sua reflexão. Reflexão fluida como água – *Água viva* –, plena de metamorfoses e diálogos interespecíficos. A coordenar essas trocas e transformações, o indefinível “it”. Palavra importada que resiste à tradução, dizendo algo mais, quando utilizada em outro contexto linguístico, o “it” oferece o suporte necessário para que as transformações possam acontecer.

Ficção sem gênero e sem espécie, o espaço entre as formas é o seu tema: “Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (AV, p. 13). “Estou no meio do que grita e pulula” (AV, p. 22), diz Lispector mais adiante, assim buscando cultivar o “espaço-entre”, que se coloca como pré-condição para a transformação. *Água viva* versa sobre o “parto do it”: “it é elemento puro. É material do instante do tempo. Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it” (p. 34). Para além das transformações do sujeito, as metamorfoses pelas quais a autora se interessa conectam-se com a vida em sua pluralidade: “mulher”, “gata”, “ostra”, “planta”, “mosca”. Tal postura a leva ao questionamento dos limites do humano, como formula mais adiante no mesmo livro: “Estou terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. Ou da desumanidade – o it” (p. 54).

No texto de Lispector, o “it” designa o espaço-entre, no qual habita o que não pertence ao ponto de partida nem ao ponto de chegada, mas que, informe, é condição de possibilidade da transformação. O “it” de *Água viva* – e esta é a minha hipótese – é uma sobrenatureza. Se estou correta, o termo aparece uma única vez no texto. Todavia, de modo expressivo:

² Como as referências ao *Água viva* serão frequentes, citaremos apenas as iniciais do título, AV, seguidas pelo(s) número(s) da(s) página(s): AV, pp. 21-22.

“E sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico, fantástico e gigantesco: a vida é sobrenatural” (AV, p. 29).

O CONCEITO DE SOBRENATUREZA

O conceito de “sobrenatureza” tem sido recentemente empregado (em particular pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, 2011, e pelo filósofo Marco Antonio Valentim, 2018) na reflexão sobre as culturas ameríndias, que não reconhecem a tradicional distinção entre natureza e cultura. Isto é, ele dá nome ao espaço no qual ambos os domínios se confundem, lugar no qual ocorrem as metamorfoses, que aqui gostaria de aproximar do “it” de *Água viva*. Como o “it” de Lispector, a sobrenatureza é a agência político-cósmica que possibilita o trânsito entre mundos (VALENTIM, 2014, p. 9). Ainda, o conceito contribui para uma compreensão mais aprofundada do espaço entre as formas, condição de possibilidade de todas as transformações possíveis.

A sobrenatureza é o domínio do sobrenatural. Onde falam os animais, onde ocorrem as metamorfoses, os fenômenos que as ciências da natureza não podem explicar. Sobrenatural é tudo aquilo que, por não respeitar as leis da causalidade postuladas pelas ciências modernas da natureza, foi legado ao mundo da cultura. Ausente no discurso filosófico da modernidade, a categoria de sobrenatureza pressupõe o reconhecimento da oposição que funda a cultura moderna ocidental: a oposição natureza/cultura. Paradigmaticamente, Immanuel Kant, ao introduzir a sua *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), distingue a cultura da natureza, aproximando-as pelo reconhecimento de um ponto comum, a “insociável sociabilidade”, capaz de harmonizar as florestas disciplinando as árvores e a sociedade humana.³

Marco Antonio Valentim (2018, p. 38) mostrou recentemente como também o pensamento de Heidegger retoma e confirma a tradicional oposição natureza/cultura, ao distinguir o ser do homem (aquele capaz de questionar o ser) dos demais entes, desprovidos de historicidade e de cultura. Desse modo, a sobrenatureza permanece restrita ao modo pré-filosófico do pensamento humano, enquanto pseudo-categoria. Todavia,

3 Ele diz: “Toda cultura e toda arte que ornamenta a humanidade, a mais bela ordem social, são frutos da insociabilidade, que por si mesma é obrigada a se disciplinar e, assim, por meio de um artifício imposto, a desenvolver completamente os germes da natureza” (KANT, 2004[1784], pp. 10-11).

a exclusão da sobrenatureza do pensamento moderno não permanece sem críticas. Bruno Latour (2012, pp. 206-210) distingue a metamorfose como “modo de existência dos modernos”. O filósofo e antropólogo francês Lucien Lévy-Bruhl (1963[1931], p. xxxiv-xxxvi) define a sobrenatureza como “categoria afetiva da mentalidade primitiva” e, com algumas restrições, a aproxima de uma tradição não conceitual, metafórica, do pensamento ocidental moderno. Referindo-se ao “mundo povoado por assombrações, espíritos e fantasmas” dos povos “primitivos”, Lévy-Bruhl (2015[1925], pp. 67-68) observa:

Sem dúvida, tais crenças podem ser percebidas em nossas comunidades como uma sobrevivência que testemunha uma condição mental mais antiga, formalmente mais ampla. Mas devemos ter cuidado para não ver nelas um reflexo fiel, porém vagamente delineado, da mentalidade dos primitivos. Mesmo os membros menos educados de nossa sociedade consideram as histórias de fantasmas e espíritos pertencentes ao domínio do sobrenatural: entre tais aparições, influências mágicas e a informação provida pela percepção ordinária à luz do dia, o limite é claramente definido. Tal limite, porém, não existe para o primitivo. Um tipo de percepção e influência é tão natural quanto o outro, ou, antes, podemos dizer que para ele não existem dois tipos. Entre nós, o homem supersticioso, e com frequência também o religioso, acredita em uma ordem dupla da realidade: uma visível, palpável e subordinada às leis essenciais do movimento, a outra invisível, intangível, “espiritual”, a formar uma esfera mística que engloba a primeira. Mas a mentalidade do primitivo não reconhece dois mundos distintos em contato e relativamente interpenetrados. Para ele, há apenas um mundo. Toda realidade, como toda influência, é mística, e consequentemente toda percepção é também mística.⁴

4 “Without referring to spiritualism, we recall the ghost-stories which are so numerous in our folklore, and we are tempted to think that the difference is one of degree only. Doubtless such beliefs may be regarded in our communities as a survival which testifies to an older mental condition, formerly much more general. But we must be careful not to see in them a faithful, though faintly outlined, reflection of the mentality of primitives. Even the most uneducated members of our societies regard stories of ghosts and spirits as belonging to the realm of the supernatural: between such apparitions and magical influences and the data furnished by ordinary perception and the experience of the broad light of day, the line of demarcation is clearly defined. Such a line, however, does not exist for the primitive. The one kind of perception and influence is quite as natural as the other, or rather, we may say that to him there are not two kinds. The superstitious man, and frequently also the religious man, among us, believes in a twofold order of reality, the one visible, palpable, and subordinate to the essential laws of motion; the other invisible, intangible, ‘spiritual’, forming a mystic sphere which encompasses the first. But the primitive’s mentality does not recognize two distinct worlds in contact with each other, and more or less interpenetrating. To him there is but one. Every reality, like every influence, is mystic, and consequently every perception is also mystic.” Quando não há indicação em contrário, as traduções de citações são nossas.

Realidade inteiramente “mística”, ou, poder-se-ia dizer – a partir da contiguidade de mundos verificada no pensamento “primitivo” pelo antropólogo –, inteiramente imanente. Ao examinar o “componente diferenciante do perspectivismo ameríndio”, Eduardo Viveiros de Castro (2011[1996], pp. 395-96) atribui “uma função cosmológica à unidade transespecífica do espírito”, que, no pensamento ameríndio, possibilitaria a coexistência de mundos diversos e de perspectivas variadas. No conhecido artigo de 1996, “Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena”, o antropólogo recupera a categoria de “sobrenatureza”, ajustando-a às exigências de sua antropologia:

A noção está desacreditada desde, pelo menos, Durkheim. O argumento contra ela é mais ou menos o seguinte: como os “primitivos” não estão de posse do conceito de necessidade natural, i.e., da natureza como domínio regulado pelas leis da física, não há sentido em falar de Sobrenatureza para eles, pois não existe um domínio suprafísico de causalidade. Talvez. Mas muitos daqueles que fazem objeção a este conceito continuam a usar a noção de natureza para designar um domínio das cosmologias indígenas e não veem grandes problemas com a oposição Natureza/Cultura, seja como distinção supostamente “êmica”, seja como divisória ontológica “ética”. Como observei mais acima, muitas das funções tradicionais da Sobrenatureza teológica foram absorvidas pelo moderno conceito de Cultura. Por fim, se a oposição Natureza/Cultura pôde ser vista como tendo um “valor sobretudo metodológico”, por que a noção de Sobrenatureza também não teria direito ao mesmo *habeas corpus*? (VIVEIROS DE CASTRO [1996]2011, pp. 395-96, n. 46).

Claude Lévi-Strauss já havia atentado para a inoperabilidade da oposição natureza/cultura no tratamento de outros povos. No segundo volume de *Antropologia estrutural*, escreve:

A concepção que várias sociedades primitivas têm da relação entre natureza e cultura também pode explicar certa resistência ao desenvolvimento. Pois este implica reconhecer prioridade absoluta à cultura sobre a natureza, algo que não se verifica quase nunca fora da área da civilização industrial [...] Entre os povos ditos “primitivos”, a noção de natureza sempre apresenta um caráter ambíguo [...] Há na noção de natureza um componente “sobrenatural”, e essa “sobrenatureza” está tão incontestavelmente acima da cultura quanto a própria natureza está abaixo dela (LÉVI-STRAUSS *apud* VALENTIM, 2019, p. 143).

Por anular as oposições de nosso universo linguístico-cultural – sujeito/objeto, humano/não humano, cultura/natureza, organismo/ambiente –, o conceito de “sobrenatureza” delimita o domínio da metamorfose, território de passagem que desconhece formas fixas. “A vida é sobrenatural”, escreve Lispector (AV, p. 54), demonstrando nas

linhas seguintes, pelo atrito produzido pela palavra “it” – entre o inglês e o português, entre o pensamento e a linguagem, entre as formas humanas e as não humanas –, que as palavras-conceitos “natureza” e “cultura” são, como todas as palavras, “iscas” laçadas ao mundo, e não sua exata tradução.

“ESSE”, O IMPESSOAL

O “it” não reconhece identidades: “é-se”. “É-se”, expressão recorrente no livro e que sonoramente se assemelha ao pronome “esse”, “it”, domínio do sendo, no qual se é. A indagação ao redor do “it” nas páginas de *Água viva* alcança seres diversos, entre eles a gata que diz: “Não. Não é fácil. Mas ‘é’. Comi minha própria placenta para não precisar comer durante quatro dias. Para ter leite para te dar. O leite é um ‘isto’. E ninguém é eu. Ninguém é você. Esta é a solidão” (AV, p. 35).

A narradora de *Água viva*, que não narra, mas reflete, inserida no universo sobrenatural, “respira por ordem”: “Não tenho estilo de vida”, diz, “atingi o impessoal, o que é tão difícil” (AV, p. 47). O impessoal, como sugere Lispector, é simultaneamente a dissolução da pessoa, enquanto ego, e a sua universalização, enquanto espírito, configuração na qual somos todos – mulher, gata, ostra – pessoas. “O mistério do impessoal”, diz, “é o ‘it’: eu tenho o impessoal dentro de mim”, continua, “e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu ‘it’ é duro como uma pedra-seixo” (p. 30). Tal entendimento remete à mitofísica ameríndia, segundo a qual, antes de o mundo se configurar em sua diversidade, éramos todos pessoas. Pessoas cujas existências gradativamente adquiriram formas diferenciadas, mantendo, contudo, sua qualidade original (e universal) de pessoa (de gente). Em busca do “impessoal vivo do it” (p. 66), a escrita de Lispector reconhece a diversidade do ser, a pluralidade das naturezas e dos mundos que evoca. “É-se”, insiste: “Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu te és” (p. 29).

Ainda acerca do conceito de sobrenatureza na cultura ameríndia, Eduardo Viveiros de Castro (2011, pp. 396-397) vale-se da analogia com a série pronominal, para notar que

[...] entre o *eu* reflexivo da cultura (gerador do conceito de alma ou espírito) e o *ele* impessoal da natureza (marcador da relação com a alteridade corpórea), há

uma posição faltante, a do *tu*, a *segunda pessoa*, ou o outro tomado como outro sujeito, cujo ponto de vista serve de eco latente ao do *eu*.

Cuido que esse conceito pode auxiliar na determinação do contexto sobrenatural. Contexto anormal no qual o sujeito é capturado por um outro ponto de vista cosmológico dominante onde ele é o *tu* de uma perspectiva não-humana, *a Sobrenatureza é a forma do Outro como Sujeito*, implicando a objetivação do eu humano como um *tu* para este Outro.

Em sentido semelhante, Lispector diz: “E se digo ‘eu’ é porque não ousou dizer ‘tu’, ou ‘nós’ ou ‘uma pessoa’. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou o és-tu” (AV, p. 13).

Esse tratamento do impessoal assemelha-se à “epistemologia cibernética”, tal como concebida por Gregory Bateson, que soma ao conceito de “mente” freudiano, além do vasto campo dos processos inconscientes em constante comunicação, uma dimensão imanente, físico e biológica (BATESON, 2000[1972], pp. 467-468). “A epistemologia cibernética que ofereço sugere uma nova aproximação” (p. 467), pontua, explicando em seguida:

A mente individual é imanente, mas não apenas no corpo. É imanente também em percursos e mensagens fora do corpo. E há uma mente maior, da qual a mente individual é apenas um subsistema. Essa mente maior é comparável a Deus e é, talvez, o que algumas pessoas entendem por “Deus”, mas ainda é imanente ao sistema social e à totalidade de suas conexões, bem como à ecologia planetária (BATESON, 2000, p. 467).⁵

O “it” de *Água viva* é comparável à “mente” imanente e impessoal da preleção de Bateson, como deixa claro Lispector logo ao início da seguinte passagem:

A transcendência dentro de mim é o “it” vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem. Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? Fica inquieta na sua vida sem olhos. Eu costumava pingar limão em cima da ostra viva e via com horror e fascínio ela contorcer-se toda. E eu estava comendo o it vivo. O *it* vivo é o Deus (AV, p. 30).

5 “The cybernetic epistemology which I have offered you would suggest a new approach. The individual mind is immanent but not only in the body. It is immanent also in pathways and messages outside the body; and there is a larger Mind of which the individual mind is only a subsystem. This larger Mind is comparable to God and is perhaps what some people mean by ‘God’, but it is still immanent in the total interconnected social system and planetary ecology.”

A “epistemologia cibernética”, à qual Bateson se refere, assemelha-se ainda à sobrenatureza, simultaneamente transcendente e imanente, tal como identificada no pensamento de outros povos, entre eles os ameríndios. Referindo-se a Johann Sebastian Bach e a William Blake, Bateson (2000, p. 469) nota que os poetas estiveram sempre em contato com a imanência do impessoal, mantendo-se, assim, imunes à “falsa ideia” do “eu” [self]. Todavia, adverte:

Por favor, não entendam mal, quando digo que os poetas sempre souberam disso, ou que a maioria dos processos mentais são inconscientes, não estou defendendo um uso maior da emoção, nem um uso menor do intelecto. [...]. Se as fronteiras do “ego” estão erroneamente desenhadas ou se são totalmente fictícias, não faz sentido, então, olhar emoções, sonhos ou nossas associações inconscientes de uma perspectiva “ego-alien” (BATESON, 2000, p. 469).

Assim, o poético se aproxima de seu sentido original, porém não apenas para dar origem – para criar – uma nova forma, mas para conhecer o âmago mole e vivo do “it”, o inefável que o caracteriza:

Criar de si próprio um ser é muito grave. Estou me criando. E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos. Dói. Mas é dor de parto: nasce uma coisa que é. É-se. É duro como uma pedra seca. Mas o âmago é *it* mole e vivo, perecível, periclitante. Vida de matéria elementar (AV, p. 45).

O ESPAÇO-ENTRE, TERRENO DA METAMORFOSE

No universo da sobrenatureza, o fundo comum entre os seres faz da metamorfose uma constante. Não se passa de uma forma a outra, mas se vive a metamorfose como devir. Se é possível dizer, como bem notou Valentim (2014, p. 9), que a divisão entre natureza e cultura é a base do cosmopolitismo moderno, “a sobrenatureza consiste na forma da agência cosmopolítica”. Cosmopolítica esta distinta da kantiana, que se baseia na distinção entre natureza e cultura, porém próxima daquela formulada por Isabelle Stengers (2005, p. 995), segundo a qual “mundos divergentes” coexistem. Enquanto Kant (2010[1784], p. 8) inscreve na natureza a insociável sociabilidade, assim fornecendo o pano de fundo sobre o qual a história humana se elabora, o cosmopolitismo de Stengers (2005, p. 995) reconhece a “possibilidade ontológica de mundos múltiplos e divergentes”, que ultrapassa a distinção complementar entre natureza e cultura.

Em *Água viva*, o “it” equivale à sobrenatureza, tal como aqui a compreendemos, enquanto “unidade transespecífica do espírito” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, pp. 395-396). “Preciso sentir de novo o it

dos animais”, escreve Lispector (AV, p. 48). “Há muito tempo não entro em contato com a vida primitiva animálica”, continua (p. 48). “Estou precisando estudar bichos. Quero captar o it para poder pintar não uma águia e um cavalo, mas um cavalo com asas abertas de grande águia” (p. 48).

O “it” é parte da vida “primitiva”, como diz, território das metamorfoses. Metamorfoses que tocam os animais – “um cavalo com asas abertas de grande águia” – e também os humanos: “às vezes eletrizo-me ao ver bicho. Estou agora ouvindo o grito ancestral dentro de mim: parece que não sei quem é mais a criatura, se eu ou o bicho. E confundo-me toda. Fico ao que parece com medo de encarar instintos abafados que diante do bicho sou obrigada a assumir” (AV, p. 49). O conceito de sobrenatureza designa um “contexto relacional específico” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 396). Ele abarca as passagens, as transições, as metamorfoses, mas, sobretudo, o espaço entre as formas. A sobrenatureza é o que torna possíveis as transformações e o contato entre mundos distintos. Bichos, humanos e plantas partilham um mesmo e único “it”: “Sei da história de uma rosa. Parece-te estranho falar em rosa quando estou me ocupando com bichos? Mas ela agiu de um modo tal que lembra os mistérios animais” (AV, pp. 50-51).

Como intuiu o biólogo e etólogo Jacob von Uexküll, no livro que publicou sobre *Ambientes animais e ambientes humanos*,⁶ em 1934, organismos distintos coexistem, cultivando e intercalando ambientes [Umwelten] ou mundos diversos, que envolvem perspectivas variadas – humanas e não humanas. De tal modo, o mundo humano é apenas mais um mundo entre outros, um modo de ser entre outras – múltiplas – naturezas.

Compreendendo o mundo de modo semelhante, Lispector explora o deslocamento metamórfico dos corpos a fim de conhecer outras naturezas e mundos. Porém, seu intuito não é estabelecer a linearidade da transformação, o início e o fim, mas sim o espaço sobrenatural que ela habita e no qual (e a partir do qual) ela pode acontecer.

Como bem notou Hélène Cixous (1962, p. 11) sobre o trabalho de Lispector, ele se aproxima “do espaço vivo, o entre-nós, que devemos preservar com cuidado”. Seu interesse não reside nas formas cristalizadas, mas na escrita enquanto espaço da traduzibilidade entre formas de vida e mundos. Enquanto modo de cultivo do informe, do mítico e do

6 „Streifzüge durch die Umwelten von Tieren und Menschen: Ein Bilderbuch unsichtbarer Welten.“

atemporal. Nesse sentido, a escrita de Lispector é dedicada à incessante tradução, condição intrínseca da antropologia. Lugar de questionamento inesgotável, no qual são também questionados os conceitos de natureza e de cultura, sua escrita cultiva a tradução como modo de ser, e não de passagem, a sobrenatureza como terreno de um trânsito eterno:

Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizem aquém e além de minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula, me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu, obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida (AV, p. 22).

Ao acrescentar-se em folhas ou em páginas escritas, as vidas das plantas e da escritora participam anonimamente de um tempo inventado, partilhado pela comunhão do ser, espaço inalcançável do “it”. A sobrenatureza, comum a humanos e não humanos, é explorada pela escrita e por ela povoada:

E se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras mas nimbadas de claridade, e eu, sangue da natureza – grutas extravagantes e perigosas, talismã da Terra, onde se unem estalactites, fósseis e pedras, e onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio (AV, p. 15).

Os bichos: “Os ratos com asas em formas de cruz dos morcegos”, as “aranhas penugentas e negras”, os “ratos e ratazanas”, os “escorpiões”, os “caranguejos” e as “baratas velhas” povoam a gruta ao lado do escritor que ali também busca refúgio. Traço comum evidenciado pela experiência da metamorfose, tema ao qual o breve romance de 1964, *A paixão segundo G. H.*, é dedicado. Porém, uma metamorfose não linear, segundo a qual os seres envolvidos não partem de uma forma à outra, mas se interpenetram e se retroalimentam – “fixo os instantes de metamorfose”, pontua Lispector, “e é de terrível beleza a sua sequência e concomitância” (AV, p. 13), acrescenta. Escrever é explorar o domínio da metamorfose, o tempo não linear do mito: “O que estou te escrevendo não é para se ler – é para se ser. A trombeta dos anjos-seres ecoa no sem tempo. Nasce no ar a primeira flor. Forma-se o chão que é terra. O resto é ar e o resto é lento fogo em perpétua mutação” (p. 37).

ÁGUA VIVA, O INFORME

A escrita de Lispector, que conduz de uma a outra forma, não se contenta com o sucessivo mapeamento, uma após a outra, mas busca conhecer o domínio do informe, do mítico e do atemporal: “Não, isto tudo não acontece em fatos reais mas sim no domínio de – de uma arte? sim, de um artifício por meio do qual surge uma realidade delicadíssima que passa a existir em mim: a transfiguração me aconteceu” (AV, p. 21). Seu interesse não reside no reconhecimento das espécies, em seus respectivos processos de amadurecimento e transformação, mas na metamorfose mítica. Mítica pois desconhece a linearidade da metamorfose específica e habita o espaço inefável do mito. Assim, continua Lispector: “Os bichos me fantasmizam. Eles são o tempo que não se conta. Pareço ter certo horror daquela criatura viva que não é humana e que tem meus próprios instintos embora livres e indomáveis. Animal nunca substitui uma coisa pela outra” (p. 48).

No domínio da sobrenatureza, corpos distintos partilham experiências comuns: “Fico dormitando no calor estivo do domingo que tem moscas voando em torno do açucareiro”, escreve Lispector após uma frase curta, composta pela repetição de uma mesma palavra: “Plantas, plantas” (AV, pp. 17-18). Suscetíveis ao calor, movendo-se em círculos, humanos e não humanos coabitam o mundo informe e impessoal da sobrenatureza, são produtos de um mesmo “it”. Com as plantas, bem como com as moscas, partilhamos o substrato da vida – o “it”: “Todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento: fomos modelados e sobrou muita matéria-prima – it – e formaram-se então os bichos” (p. 55). Por isso a arbitrária classificação que distingue uma espécie da outra, um modo de ser de outro, pode ser questionada. As fronteiras específicas são, desse modo, transpassadas. Organismos diversos se comunicam e se transformam de modo imanente, pelas intersecções de seus ambientes (ou mundos), apontando assim para a ficcionalidade – e para a arbitrariedade – de seus supostos limites. A sobrenatureza está também inscrita no plano orgânico – molecular – da vida, e não há ideia ou organismo que não esteja em constante interação e mutação. Desse modo, não é possível distinguir a cultura da natureza, a ideia do organismo:

É tamanha a liberdade que pode escandalizar um primitivo, mas sei que não te escandalizas com a plenitude que consigo e que é sem fronteiras perceptíveis.

Esta minha capacidade de viver o que é redondo e amplo – cerco-me por plantas carnívoras e animais legendários, tudo banhado pela tosca e esquerda luz de um sexo mítico. Vou adiante de modo intuitivo e sem procurar uma ideia: sou orgânica. E não me indago sobre os meus motivos. Mergulho na quase dor de uma intensa alegria – e para me enfeitar nascem entre os meus cabelos folhas e ramagens (AV, p. 24).

O diálogo com as plantas é uma constante na obra de Lispector. Ele evoca o tema clássico da metamorfose das formas humanas às formas animais e vegetais. A passagem do humano ao não humano pode ser feita como fez Ovídio em suas *Metamorfoses*, pela atribuição de qualidades humanas aos animais, ou por caminhos inusitados, que exploram entre-lugares e formas novas, como o híbrido que sangra e fala de Dante (penso aqui em Pier della Vigna, a quem Dante faz referência no canto xiii do *Inferno*). Compreendendo a metamorfose como “uma superposição intensiva de estados heterogêneos”, e não como “uma transposição extensiva de estados homogêneos”, nas expressões de Viveiros de Castro (2006, p. 323), Lispector comenta: “Conheci um ‘ela’ que humanizava bicho conversando com ele e emprestando-lhe as próprias características. Não humanizo bicho porque é ofensa – há de respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo. Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se” (AV, p. 49).

“Meu impulso se liga ao das raízes das árvores” formula ela mais adiante (AV, p. 42). Portanto, não é eventual o excursão que dedica às flores no mesmo livro – a rosa, o cravo, o girassol, a violeta, a orquídea, a tulipa, a angélica, o jasmim, a estrelícia, a dama-da-noite, a flor de cacto, a edelvais, o gerânio, a vitória-régia, o crisântemo (pp. 56-58): todas guardam características que mesclam natureza e cultura. A orquídea é “mulher esplendorosa”, “nobre” e “epífita”, nasce sobre outras plantas sem tirar delas a nutrição (p. 58). Consequentemente, a natureza, tal como a compreende Lispector, não pode ser delimitada. Ela é movente, abarca a linguagem e a transforma:

Ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve. A densa selva de palavras envolve espessamente o que sinto e vivo, e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que fica fora de mim. A natureza é envolvente: ela me enovela toda e é sexualmente viva, apenas isso: viva. Também eu estou truculentamente viva – e lambo o meu focinho como o tigre depois de ter devorado o veado (AV, p. 25).

Logo, as metamorfoses de *Água viva* possuem uma temporalidade singular. Embora Lispector insista sobre a qualidade universal do “já”, inserindo no agora todas as formas e mundos possíveis, sua escrita não se restringe a momentos nos quais a vida pode ser descrita e apreendida inteiramente. Isso porque a escritora não ambiciona apreender a vida que é fluida como água, mas desdobrá-la ao ritmo do “it”, para assim circundar e cultivar o inefável, o que não está contido na palavra. Os desdobramentos de seus instantes não compõem linhas evolutivas pontilhadas, como fez Darwin n’*A origem das espécies*, ou como fazem os antropólogos quando desenham diagramas genealógicos (INGOLD, 2016, p. 3). Ao contrário, eles ocorrem entre mundos humanos e não humanos, inventando relações que ultrapassam as fronteiras entre as espécies e alcançam o domínio informe, vivo e movente do “it”. “Como vês”, escreve Lispector,

[...] é-me impossível aprofundar e apossar-me da vida, ela é aérea, é o meu leve hálito. Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a presentir uma ordem subjacente. [...] – qual? O [frágil fio condutor] do mergulho na matéria da palavra? O da paixão? Fio luxurioso, sopro que aquece o decorrer das sílabas. A vida mal e mal me escapa embora me venha a certeza de que a vida é outra e tem um estilo oculto (AV, pp. 26-27).

Um “estilo” – e não um sentido – oculto. Uma política cósmica morfológica que inclui as transformações de múltiplos corpos e formas. Nesse sentido, as transformações ocorrem no plano da vida orgânica, dos organismos que se intervalam criando espaços para outras existências e vidas metamórficas: “sou orgânica. E não me indago sobre os meus motivos”, escreve Lispector (AV, p. 24). Assim, dispensa o contorno dos binários modernos: feminino/masculino, animal/humano, natureza/cultura. A sobrenatureza, o “it”, que a escritora busca vigorosamente conhecer sem apreender, provém de uma inquietude em relação à vida, mas à vida fluida e dispersa do plano molecular, do qual participam também as formas pontuais das ideias.

A PANTERA DE RILKE

Duas referências indiretas a “A pantera”, poema de Rilke, ao longo do livro, sugerem uma conclusão digressiva. A sobrenatureza, o “it”, é o que rende possível ao poeta passar da forma humana à forma animal, o que o faz perceber o mundo como uma pantera. Ao aproximar as vidas da poeta

e da pantera, Lispector busca definir um terreno comum, o “it”, “mole”, “vivo”, “perecível”, “periclitante”, “tremeluzente” e “elástico”:

Mas a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é.

É.

Estou no seu âmago.

Ainda estou.

Estou no centro vivo e mole.

Ainda.

Tremeluz e é elástico. Como o andar de uma negra pantera lustrosa que vi e que andava macio, lento e perigoso. Mas enjaulada não – porque não quero. Quanto ao imprevisível – a próxima frase me é imprevisível. No âmago onde estou, no âmago do É, não faço perguntas. Porque quando é – é. Sou limitada apenas pela minha identidade. Eu, entidade elástica e separada de outros corpos (AV, p. 28).

De modo semelhante, o poema de Rilke alcança a sobrenatureza, “unidade transespecífica do espírito” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, pp. 395-396), onde o poeta e a pantera negra enjaulada no Jardin des Plantes, em Paris, se encontram. Onde é possível partilhar o que não é humano nem animal, mas comum à vida elástica, em suas mais diversas formas. Dizem os versos de Rilke (2013): “em círculos concêntricos decresce,/ dança de força em torno a um ponto oculto/ no qual um grande impulso se arrefece”.⁷ Escrever é dar movimento aos corpos e, assim, perceber a transformação que caracteriza o poético, mas também o que é comumente percebido e sentido, os caminhos que ligam um mundo ao outro. Portanto, escrever é habitar a sobrenatureza, o “it”, repisar as sendas da metamorfose. “Sobre essa vida insolitamente enviesada”, escreve Lispector, “tenho posto minha pata que pesa” (AV, p. 68).

Próximo ao fim do livro, diz:

Os instantes são estilhaços de “X” espocando sem parar. O excesso de mim chega a doer e quando estou excessiva tenho que dar de mim como o leite que se não fluir rebenta o seio. Livro-me da pressão e volto ao tamanho natural. A elasticidade de uma pantera macia.

Uma pantera negra enjaulada. Uma vez olhei bem nos olhos de uma pantera e ela me olhou bem nos meus olhos. Transmutamo-nos. Aquele medo. Saí de lá toda ofuscada por dentro, o “X” inquieto. Tudo se passara atrás do pensamento. Estou com saudade daquele terror que me deu trocar de olhar com a pantera negra. Sei fazer terror.

“X” é o sopro do it? É a sua irradiante respiração fria? “X” é palavra? A palavra apenas se refere a uma coisa e esta é sempre inalcançável por mim (AV, p. 80).

⁷ A tradução é de Augusto de Campos.

Sobrenatureza ou “it”, o *Água viva* de Lispector discorre sobre as condições de possibilidade das metamorfoses, principalmente sobre seus meios, além de seus princípios e fins. Ao explorar o espaço do sobrenatural, ela o torna imanente, desafiando os limites entre os corpos, humanos e não humanos. As oposições entre transcendência e imanência, entre natureza e cultura, são assim desfeitas. Por fim, vale lembrar o início de *A hora da estrela* (1984[1977], p. 17): “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: University Press, 2000[1972].
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *Le Surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963[1931].
- CIXOUS, Hélène. Aproximação de Clarice Lispector. Deixar-se ler (por) Clarice Lispector – A paixão segundo C. L. *Revista Tempo Brasileiro*, v. 1, n. 1, 1962, pp. 9-24.
- INGOLD, Tim. *Lines: A Brief History*. London/New York: Routledge Classics, 2016.
- KANT, Immanuel. *Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. Ricardo Ribeiro Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2004[1784].
- LATOURE, Bruno. *Enquête sur les modes d'existence: une anthropologie des modernes*. Paris: La Découverte, 2012.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *Le Surnaturel et la nature dans la mentalité primitive*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963[1931].
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *How Natives Think (Les Fonctions Mentales dans Les Sociétés Inférieures)*. Trad. Lilian A. Clare. Mnasfield Centre: Martino Publishing, 2015[1925].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2013[1973].
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984[1977].
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a[1973].
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b[1943].
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009[1964].

- NODARI, Alexandre. A sombra da palavra. *Blog do IMS*. [on-line.] São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2018.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- PRADO JR., Plínio W. O impronunciável: notas sobre um fracasso sublime. *Remate de Males*, v. 9, 1989, pp. 21-29.
- RILKE, Rainer Maria. *Coisas e anjos de Rilke. 130 poemas traduzidos*. Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.
- STENGERS, Isabelle *Cosmopolitics I. I. The Science Wars; II. The Invention of Mechanics; III. Thermodynamics*. Translated by Robert Bononno. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2010.
- UEXKÜLL, Jakob von. *A Foray into the Worlds of Animals and Humans: With a Theory of Meaning*. Translated by Joseph O'Neil. Minnesota: University of Minnesota Press, 2010[1934].
- VALENTIM, Marco Antonio. A sobrenatureza da catástrofe. *Revista Landa*, Florianópolis, UFSC, v. 3, n. 1, 2014, pp. 3-25.
- VALENTIM, Marco Antonio. *Extramundandade e sobrenatureza. Ensaios de ontologia fundamental*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.
- VALENTIM, Marco Antonio. Cosmopolítica e entropia. In: DIAS, Susana O.; WIEDEMANN, Sebastian; ALMEIDA, Antonio Carlos R. de (Orgs.). *Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...* Campinas: FE/Unicamp, 2019, pp. 137-150.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora/n-I edições, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e naturalismo na América Indígena. In: *A inconstância da alma selvagem e Outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011[1996], pp. 345-399.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, 2006, pp. 319-382.

Recebido: 4/11/2019

Aceito: 4/3/2020

Publicado: 24/6/2020